

Rosa dos ventos

MAURICIO DIAS



“Ele não pode pedir mais nada. Agora tem de sair.”

(Do tucano Cássio Cunha Lima, impondo limites a Aécio Neves na volta deste ao Senado)

Barganhas do diabo

► **E a conciliação mais uma vez se fez para salvar Aécio, entre o Legislativo e o Judiciário, à sombra da casa-grande**

Tão logo terminada a comemoração de vitória alcançada na Comissão de Constituição e Justiça da Câmara (CCJ), conquistada com pouco suor e muito dinheiro, o mandatário ilícito Michel Temer iniciou a distribuição de benesses para aqueles parlamentares que não se desgarraram das promessas feitas aos pés do governante. Ele valeu-se dos argumentos desconexos do relator Bonifácio Andrada, talvez “Bonifácil”, no cenário hipócrita de que a acusação de corrupção e obstrução da Justiça era frágil e equivocada. Todo mundo sabia que não.

Decididamente, o pior cego é aquele que não quer ver. Aplicam-se ao caso os que evitam ler o resultado das pesquisas que apontam a popularidade de Temer em magérrimos 3%. Na margem de erro. A visão dos eleitores de Temer na Câmara dos Deputados já está coberta pelos benefícios ofertados. Na maior cara de pau, sem nenhum pudor, troca-se a integridade pela honra.

Pouquíssimos são aqueles que acreditam no que fazem. Não é fácil identificar essas exceções na base do governo. Valem-se do princípio faustiano: vendem a alma ao diabo e ninguém fica sabendo. São eles partes das barganhas que Temer usa, abusa e voltará a usar. Nesse movimento, equivocadamente confundido com a troca política natural, é permutado o voto pela submissão. Temer é Aécio. Aécio é Temer.

O resultado da votação do Supremo Tribunal Federal, iniciado com um empate de 5 a 5, foi desfeito pela ministra Cármen Lúcia com o voto de Minerva em favor de Aécio Neves, até então preso na própria residência, decidido pela 1ª Turma daquela Corte.

Para situar a história, Rodrigo Janot, então na reta final de permanência na Procuradoria-Geral da República, pediu ao Supremo a preventiva de Aécio. Estava em jogo, e ainda está, a entrega de 2 milhões de reais feita por Joesley Batista, da JBF, a emissários do senador tucano.

Há indícios típicos de acordo de conciliação. Em termos populares, isso significa uma barganha diabólica entre o Judiciário, representado por Cármen Lúcia, e o Legislativo espelhado por Eunício Oliveira, presidente do Senado. Criou-se uma tensão política calculada. Pela libertação de Aécio alinharam-se a Presidência da República, o Senado e a Câmara.

Por trás do suposto conflito emerge, se for observada, uma questão muito grave. Ela está registrada em, mais ou menos, dez linhas do voto do ministro Luís Roberto Barroso contra a liberação do senador Aécio Neves. O ministro do Supremo considerou assim a decisão dele contra Aécio: “Esta é uma decisão que, com base em fatos inequívocos, deixa de reverenciar o pacto oligárquico de saque do Estado celebrado por parte da classe política, parte do empresariado e parte da burocracia estatal”.

Temer e Aécio ainda têm contas a ajustar com a lei. •



Aqui se troca a integridade pela honra



Os inquisidores do Santo Ofício de Curitiba já não são tão populares

A Lava Jato enjoa

Após mais de três longos anos surgem sinais de cansaço provocado pela Operação Lava Jato.

Parte muito grande dos eleitores está “enjoada com tantas denúncias de corrupção”, aponta o cientista político Adriano Oliveira, coordenador de pesquisa feita, no Recife, no início de outubro.

Uma maioria de 63% sente-se “cansada deste assunto” e é seguida por 18% “um pouco cansada”. Apenas 17% se dizem “a cada dia mais interessados” nas ações da Lava Jato.

O juiz Moro e o procurador Dallagnol estão perdendo fãs.

Dinheiro na mão

A delação do doleiro Lúcio Funaro, fatiada em vídeos, deixa em pânico aquelas figuras comprometidas com a sustentação do governo ilícito de Michel Temer.

Numa delas, Funaro conta uma história curiosa, cômica talvez, desse período.

Na narrativa aos procuradores, Funaro contou um

pouco sobre a distribuição de propina aos deputados possíveis de votar a favor do golpe contra Dilma, disfarçado na malandragem do *impeachment*.

O ex-deputado Eduardo Cunha recebeu do doleiro 1 milhão de reais para distribuir aos vendilhões da dignidade.

Cunha, segundo Funaro, entregou 200 mil reais ao deputado Aníbal Gomes, do PMDB do Ceará.

Mas eis que, no dia da votação, ele não compareceu. Segundo Funaro, Cunha se enfureceu com a ausência de Gomes e baixou os xingamentos sem mesmo respeitar a mãe do parlamentar.

Dúvida: Gomes devolveu ou ficou com a grana?

Recife petista

Embora haja forte rejeição aos partidos, 71,9% não admira “nenhum” até agora, o recifense mostra fé política pelo Partido dos Trabalhadores e, nesse ponto, acompanha outros eleitores Brasil a fora, como indicam

outros institutos de pesquisa. O PT, admirado por 17,8% dos eleitores, guarda uma distância abismal dos outros partidos: o PSDB é seguido por 1,9% dos eleitores; o PMDB, por 1,3%; e o PV e o PSB têm 1,1%.

O resto é paisagem.

Um por um

Cesar Maia trocou o projeto político-eleitoral dele para a eleição de 2018.

Duas vezes eleito para a prefeitura carioca, ele buscava o caminho para disputar o governo do Rio de Janeiro. Agora vai tentar resgatar a vaga perdida, na eleição de 2010, para o Senado.

Naquela ocasião, o atacante Romário deu um drible no zagueiro Maia e se elegeu.

A chapa de Cesar Maia ainda não está completa. Talvez faça um troca-troca. O PMDB topa.

Maia indicaria um vice, do DEM, para o peemedebista Eduardo Paes, ex-vereador e candidato ao governo estadual, e receberia em troca um suplente do PMDB.

Contragolpe

Se 30% dos eleitores brasileiros demonstram, antecipadamente, o desejo de votar em Lula, terá a democracia lugar para uma decisão nebulosa que os impeça? Por que dar aos 70% restantes o conforto da covardia de não votarem contra ou simplesmente não votarem?

mauriciodias@cartacapital.com.br